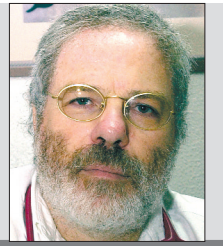


O DIÁRIO DO ZEZINHO (6) — O bucho virado



M. PEDRO FREITAS *

Relativamente às massagens, estas efectivamente podem estimular o peristaltismo intestinal e facilitar a eliminação de fezes e gases, aliviando o desconforto abdominal, em situações de aerocolia. Contudo, não estão isentas de riscos, principalmente se não forem suaves ou se forem feitas em situações de patologia abdominal.

Ao sair da consulta do primeiro mês, a minha mãe dirigiu-se à farmácia para comprar os medicamentos que o pediatra me havia prescrito.

Ao ver o farmacêutico fazer um embrulho com um único medicamento, a minha mãe logo perguntou: Mas não eram três? Não, minha senhora, aqui só está prescrito um, respondeu o farmacêutico.

Como é que é possível se o pediatra me falou na vitamina C, D e no flúor?! É claro que, dominando as novas tecnologias, a minha mãe não fez mais nada do que esclarecer o assunto. Pega no telemóvel e contacta o pediatra. Confrontado com o problema, o pediatra, que ainda tinha presente o conteúdo da conversa que havia tido com a minha mãe, logo disse: *Pois é, enquanto falava consigo, você estava preocupada em encontrar a lista das dúvidas e, por isso, não ouviu nada daquilo que eu disse. Na realidade falei na vitamina C, D e no flúor, mas para dizer que até há pouco tempo, por rotina, estes suplementos vitamínicos eram dados a todas as crianças. Contudo, recentemente, as recomendações preconizadas pela Direção-Geral de Saúde vão no sentido de só se administrar a vitamina D e o flúor. A vitamina D desde o 1.º mês e o flúor a partir do 6.º mês. Por esse facto, é que só prescrevi a vitamina D.*

Quando cheguei a casa, todos queriam saber o que tinha acontecido e se tudo estava bem. A avaliar tanto por aquilo que o pediatra disse como por aquilo que eu sentia, não havia dúvidas, tudo estava mesmo bem, a não ser uma ou outra dorzinha de barriga, perdão, uma ou outra cólica, que às vezes me atormentava, mas nada que um homem forte como eu não suportasse.

Conforme os dias iam passando, este meu sentimento de bem-estar ia-se fortalecendo cada vez mais, até porque também as minhas capacidades sensoriais, motoras e cognitivas iam melhorando. Era uma sensação agradável poder ter uma imagem quase perfeita das pessoas e do ambiente que me rodeava. Ainda que continuasse a passar a maior parte do tempo a dormir, a verdade é que, quando estava acordado, procurava não perder “pitada” do que se passava à minha volta. Foi uma sensação indescritível quando, por volta dos dois meses, descobri que, para além de “berrar”, também era capaz de emitir outros sons, ou seja, como os adultos dizem, era capaz de “garalhar”. É curioso que também comecei a achar piada e a sorrir para coisas que antes não ligava. O problema é

que os adultos cedo se aperceberam destas minhas aquisições e habilidades e, então, não me davam descanso. Quando não lhes ligava, não imaginam as figuras ridículas que faziam para me fazerem rir ou falar!

É claro que estas aquisições também me deram outra qualidade de vida. Os adultos passaram a prestar-me mais atenção, passei a andar mais ao colo e até a minha irmã que raramente me ligava tornou-se a minha melhor amiga e achava um “piadão” ao meu sorriso e linguagem. Não será preciso dizer que, quando estou abandonado a um canto da casa e me apercebo de alguém por perto, utilizo estas minhas capacidades para lhes despertar a atenção e poucos são aqueles que não “caem” perante a minha força sedutora.

Aos dois meses, um novo pesadelo voltou a acontecer: a ida ao pediatra e mais uma dose de vacinas. Com a frequência com que estas picadas estão a acontecer, não me resta outra solução senão aceitá-las como um facto consumado. Desta vez foram umas gotinhas — a vacina contra a poliomielite ou paralisia infantil; a segunda dose da vacina contra a hepatite B e por fim uma vacina que, em vez de “dois em um”, como os champôs, é de quatro em um, ou seja, são quatro vacinas numa só — a vacina contra a tosse convulsa, contra o tétano, contra a difteria e a vacina contra o *Haemophilus Influenza*, um “bicharoco” que, para além de produzir outras doenças, ocasionalmente também pode causar meningites.

A sorte foi eu ter feito um berreiro que quase deitou o Centro de Saúde abaixo, porque se não ainda me davam mais uma, a *Meningitec*, uma vacina contra o *Meningococos Meningitidis*, um dos agentes que com alguma frequência causa meningite e que às vezes dá cabo de nós. Desta vez safei-me, mas não por muito tempo, porque novo encontro ficou marcado para o mês seguinte. E ainda bem que assim foi. Não imaginam como fiquei com uma das minhas coxas! Algumas horas depois das vacinas comecei a sentir um calor imenso, umas dores terríveis e a sensação de que ela estava a crescer. A minha mãe, perante o meu choro e perante a ignorância das velhotas lá de casa nesta matéria, não teve outra alternativa senão se socorrer do pediatra, naturalmente via telemóvel. Sempre é mais barato do que uma consulta, principalmente numa altura em que se suspeita que “a síndrome dos 50 euros” que afecta os ginecologistas possa ter contagiado as restantes especialidades. Perante o problema colocado, o pediatra

diria, como é seu hábito, que “isso era normal”.

Que m...! Para ele é tudo normal e, se não é normal, é viral!

Segundo ele, tratava-se de uma reacção inflamatória local e transitória às vacinas. Como forma de aliviar a dor, a minha mãe dever-me-ia colocar um supositório de paracetamol.

Não sei se era melhor ter continuado a sentir a dor, se suportar a entrada forçada e contra a minha vontade do supositório! Afinal de contas sou um macho e esta de me enfiarem um supositório no c... ficou-me “atravessada”.

Mas, como diz o povo, “águas passadas não movem moinhos” e a minha vida continuou. Conforme os dias iam passando, sentia-me cada vez melhor, mais esperto, mais em forma, com mais “genica”, ao ponto de ser capaz de aguentar a cabeça no ar durante alguns minutos, de me colocar empinado quando me pegavam ao colo, etc...

Ah! não posso esquecer, quando ainda faltavam alguns dias para completar o meu terceiro mês de vida, a alegria que senti quando dei a minha primeira gargalhada! E que sensação quando descobri as minhas mãos! Ainda que a princípio não soubesse bem para que serviam, e durante alguns dias me tivesse limitado a olhá-las, não tardei em descobrir a sua função — “para meter na boca”.

Nem imaginam a sensação e o prazer que sinto quando as coloco lá. Quem não gosta muito disto é a minha mãe, pois farto-me de me babar. Ao contrário da minha mãe, as velhotas lá de casa estão felizes, pois dizem que é para dentes e então todos os dias lá passam os seus dedos pela minha gengiva a ver se já romperam ou não, o que naturalmente também me dá prazer.

A propósito das velhotas, em determinada altura, julgo que próximo a ter completado o segundo mês de vida, as minhas cólicas agravaram-se de intensidade e prolongaram-se durante alguns dias. Perante a gravidade da situação e ineficácia da terapêutica e técnicas que a minha mãe habitualmente usava para estas situações, a minha avó logo disse: *Isto de certeza que é o “bucho virado” e só passa com uma massagem!* É claro que a minha mãe mandou-a ter juízo. Contudo, teimosa como é, a minha avó não desistiu do diagnóstico, nem do respectivo tratamento e, às escondidas, foi a casa de uma curandeira, que vivia nas proximidades e que era especialista em endireitar o bucho.

Quando ouvi falar em levar uma massagem,

lembrei-me logo dumas conversas de homens que ouvi lá em casa entre meu pai e uns amigos dele e onde quase se babavam quando comentavam as suas aventuras em massagens quando foram à Tailândia, numa viagem oferecida por uns fornecedores da empresa onde trabalhavam. Contudo, quando a massagem começou, fiquei decepcionado: afinal de contas, de tailandês não tinha nada!

De qualquer forma, a verdade é que melhorrei, não sei se da massagem, se da quantidade de gases que esta me fez eliminar. Ao completar três meses de vida, a minha vida volta a ficar ensombrada. Era chegada à altura de voltar ao Centro de Saúde para levar a vacina em falta. Antes, contudo, teria de ir ao Pediatra.

Ainda bem, pensei eu! Com um pouco de sorte e utilizando as técnicas que recentemente adquirira — “garalhar”, o sorriso “dobrado”, descoberta das mãos, o suporte da cabeça, etc. — poderia ser capaz de o seduzir e evitar a ida ao Centro de Saúde. Trabalho perdido! Toda a minha exibição apenas serviria para que ele confirmasse o meu bom desenvolvimento psicomotor e, para além da vacina que havia ficado em falta no mês anterior, o “estupor” ainda prescreveu outra, a *Prevenar*, para, segundo ele, me proteger contra um bicho chamado *pneumococo*, causador de doenças graves, entre elas a meningite. A propósito desta vacina, em ar de gozo, o Pediatra diria que ela iria provocar duas picadas, uma em mim e outra na carteira da minha mãe, uma vez que custava cerca de 75 euros e não era participada.

Em relação ao facto de me estar a babar imenso e às massagens, que nesta consulta foram as únicas dúvidas levantadas pela minha mãe, o Pediatra diria que por volta dos três meses há um aumento fisiológico da secreção salivar, secreção que aumenta quando as crianças introduzem as mãos na boca. Contudo, isso não significa que seja para dentes. Estes, em condições normais, só surgirão por volta dos 6 meses. Relativamente às massagens, estas efectivamente podem estimular o peristaltismo intestinal e facilitar a eliminação de fezes e gases, aliviando o desconforto abdominal, em situações de aerocolia. Contudo, não estão isentas de riscos, principalmente se não forem suaves ou se forem feitas em situações de patologia abdominal. ■

* *Pediatra*

Nota: Este texto é um excerto do relato da vida do Zezinho, um puto nascido na maternidade do CHF, no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses decidiu, tal como a sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever, incumbiu essa tarefa ao seu pediatra. Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril, 3 de Maio, 7 de Junho e 5 de Julho) foram publicadas as peripécias por que passou desde o nascimento.